

# POLÍTICA, LIBERDADE E HUMANISMO - MARCAS DE UM PENSAMENTO

Mirlei Fachini Vicente Pereira<sup>1</sup>

*“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome,  
essa coisa é o que somos”*

(José Saramago)

Escrever algo que se aproxime de uma homenagem à professora Samira Peduti Kahil é, para mim, esforço dos mais difíceis. Reconhecer a amplitude de suas ideias é tarefa ainda menos alcançável. Fácil é afirmar que conviver com Samira, por mais de uma década, foi um destes presentes que a vida, ao acaso, generosamente nos concede. Acredito que o convite que me foi endereçado, para que expressasse algumas palavras sobre Samira, ocorreu, deste modo, muito mais em função dessa convivência – período tão curto e tão prazeroso de orientações de pesquisas que, generosamente, pudemos ganhar ao seu lado, do que em função de qualquer habilidade minha em sintetizar a profundidade de seus pensamentos e de seus escritos.

De qualquer modo, e assumindo de antemão as minhas limitações e também reconhecendo desde já as muitas lacunas deixadas, arrisquei a interpretação de um dos seus escritos para essa breve homenagem<sup>2</sup>. Trata-se de seu bonito texto intitulado “Usos do território: uma questão política” (KAHIL, 2005), publicado originalmente no Encontro de Geógrafos da América Latina, ocorrido em São Paulo, em 2005.

Parto do princípio que esse texto pode ser compreendido por pontos de vista diferentes e que, acredito eu, de alguma forma tal texto também revela um conjunto de pontos importantes que muito caracterizam a personalidade acadêmica da professora Samira (a opção pela referência a outros trabalhos da professora ocorre nesta direção). Mas no referido texto está presente um conjunto expressivo das ideias centrais que muito acompanham e marcam a trajetória de estudos e as preocupações investigativas da professora, suas posturas frente aos desafios do trabalho acadêmico e também de sua vida para além da academia. As questões centrais que quero apontar (e que norteiam os itens seguintes) são essas: a centralidade da política e a valorização da esfera pública para a compreensão do uso do território e da dinâmica dos lugares; a necessidade da teoria (de uma teoria crítica) para a compreensão do mundo; e a crença no projeto humanista e a valorização da liberdade de pensamento para a construção de um mundo novo.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Instituto de Geografia. mirlei@ig.ufu.br.

<sup>2</sup> O presente texto resulta, com algumas modificações, da apresentação realizada pelo autor no evento “Território Aberto: Samira Peduti Kahil”, em homenagem à professora, realizado pelo Grupo PET Geografia da Unesp de Rio Claro em 08 de novembro de 2011. Nesta ocasião, um círculo de debates elegeu como ponto de partida para uma reflexão sobre as contribuições da professora Samira o texto “Usos do território: uma questão política”, publicado em 2005.

*Estudos Geográficos*, Rio Claro, 10(2): 66-72, jul./dez. 2012 (ISSN 1678—698X)  
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

## USO DO TERRITÓRIO, LUGAR E A QUESTÃO POLÍTICA

A crença na política e a valorização de um debate público intenso são muito presentes no texto e, também, em todo o esforço analítico produzido por Samira em sua trajetória de professora e pesquisadora. Tais características aparecem como escolhas privilegiadas para a superação democrática das discordâncias e das divergências que, historicamente, marcam nossa formação socioespacial. Daí a necessidade, e a insistência da professora, de produzirmos um Projeto para a nação. “Precisamos construir no Brasil uma esfera propriamente pública – um Projeto para o Brasil, eis a questão política fundamental” (KAHIL, 2005, p.7193), Projeto esse que inclua e permita um debate político amplo e democrático, para a definição de propósitos verdadeiramente válidos para a sociedade e o território brasileiro, onde as demandas da maioria possam ser apontadas, debatidas, superadas. “A política pressupõe o conflito, as diferenças, as discordâncias, as contradições e é a única possibilidade de superá-los. Na política democrática, as divergências são legítimas” (KAHIL, 2005, p.7913).

Uma implicação geográfica direta da centralidade da política no texto e no pensamento de Samira é revelada quando a professora compreende que a política e o debate público sérios só podem ser construídos na escala da nação, no âmbito da nação<sup>3</sup>; lições tomadas de Milton Santos (1977), para quem a compreensão das ações só pode, de fato, ser alcançada, nas instâncias que permitem reconhecermos a totalidade dos processos, o conjunto do real em processo permanente de totalização – as ações se geografizando nos lugares, os lugares e o país frente aos reclamos do mundo.

É assim que mundo e lugar se aproximam, espaço total e subespaços pertencem a um mesmo universo, são pressupostos de método que nos permitem reconhecer o movimento do todo. “É uma totalização que se totaliza sem cessar; os fatos particulares nada significam, não são nem verdadeiros nem falsos enquanto forem referidos pela mediação de diferentes totalidades parciais à totalização em curso” (SARTRE, 1979, p.30).

A preocupação com a compreensão dos lugares e de seus nexos com o mundo, tornados hoje muito mais complexos, tema tão caro à geografia e tão presente na trajetória de pesquisa de Samira, ganha extrema importância em diversos de seus escritos.

O lugar no mundo não pode ser visto como fato isolado, mas através dele podemos visar a um estado do mundo, portanto algo de abstrato, parcialmente criado por nossa proposição que busca concordar com os fatos e com o estado do mundo. O próprio mundo é um processo imensamente complexo, o conjunto de todos os processos ou todos os acontecimentos do mundo. (...) O lugar mantém com o mundo certa unidade e em dadas circunstâncias, o (re)produz. É no lugar que encontramos as propensões e possibilidades de realização do mundo. (KAHIL, 1998, p.46).

---

<sup>3</sup> “O debate político só pode se dar à escala da nação. No âmbito da nação é que encontramos as instituições decisivas (território, cidadãos, Estado) que poderão ensejar transformações que assegurem a possibilidade deste povo brasileiro, em que pese ainda em formação, construir, encontrar o compasso de seu próprio caminho e quiçá influir no destino da humanidade (KAHIL, 2005, p.7195).

A ideia de política, e também a opção teórica adotada por Samira, se revelam muito nitidamente como um projeto político para nossa disciplina. É a resposta necessária e pertinente a um conjunto de formulações atuais que tornam o território um conceito tantas vezes acrítico ou, no mínimo, despolítico, quando o mesmo é definido sem levar em conta a dimensão política<sup>4</sup>. O próprio título do texto declara suas opções – não há como pensar o território se não levamos em conta os seus usos, não há como compreendermos os seus usos (e suas finalidades) sem nos atermos à questão política (KAHIL, 2005).

Há preocupação explícita da professora ao reconhecer que o território da nação é usado por um conjunto restrito de agentes hegemônicos, quase que exclusivamente, como recurso econômico e como fonte de poder (compreendendo recurso como aquilo que existe unicamente para ser apropriado). O exercício da política, hoje tão desacreditado em nosso país, se faz cego aos anseios verdadeiramente nacionais e torna-se uma ferramenta à acumulação ampliada de um punhado de agentes. Assim, “A força e a dinâmica das transformações (do mundo) escapam à análise rigorosamente econômica e estão a exigir um entendimento da esfera política de decisões quanto ao uso do território nacional” (p.7195), e, o que é ainda mais grave, “A total colonização da esfera política pela economia converte as empresas em atores políticos e o Estado, que nos fazem crer se fazer mínimo na economia, se fazer mínimo é na política” (KAHIL, 2005, p.7199). Como mirarmos outros projetos, possibilidades outras de ação frente a um horizonte próximo assim tão austero? Como os lugares que, no dizer de Ana Clara Torres Ribeiro (2004), anseiam por autonomia, podem concorrer na construção de uma Política que, deixando exclusivamente de servir a macroeconomia, seja endereçada verdadeiramente a todos?

Auspiciosa, Samira crê nas possibilidades de uma nova Política, na valorização de uma política endereçada à maioria e construída a partir de outras bases, uma Política alentada pela experiência vivida no cotidiano dos lugares que, fermentados por relações outras, podem nos apontar caminhos férteis para o “reino da liberdade” (SANTOS, 1996, p.206), nos oferecendo bens verdadeiramente infinitos. Como reconhece Milton Santos, “As dialéticas da vida nos lugares, agora mais enriquecidas, são paralelamente o caldo de cultura necessário à proposição e ao exercício de uma nova política” (SANTOS, 2000, p.173). A partir de tais apontamentos, quiçá poderemos resgatar, como tanto defendeu a professora Samira, a política e o fazer político, no dizer de Carlos Fuentes, numa concepção aristotélica – “(...) a política como costume virtuoso, receptiva dos dados da cultura, da tradição, do respeito à pessoa e do vigor da coletividade” (FUENTES, 2006, p.182).

---

<sup>4</sup> “As discussões em torno das questões nacionais foram sendo substituídas por soluções paliativas através de políticas compensatórias, à escala subnacional, local. Estamos a carecer de uma visão de conjunto da sociedade brasileira, um projeto nacional a partir do qual houvesse redistribuição de poderes e recursos, prerrogativas e obrigações para todas e entre as diversas esferas político-administrativas e escalas territoriais” (KAHIL, 2005, p.7196).

## A NECESSIDADE DA TEORIA PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO

A necessidade de uma teoria para a compreensão do mundo contemporâneo e para a crítica das situações vigentes é, a nosso ver, outra questão-chave presente no texto (KAHIL, 2005) e no pensamento da professora Samira. É a teoria que dá valor às situações empíricas que, na ciência, só fazem sentido quando vistas à luz de um referencial mais amplo, uma filosofia e uma epistemologia passíveis de construir um esquema explicativo maior. “A ideia de *theoria*, desvalorizada pela contemporaneidade em nome da *vida activa*, ou melhor, do utilitarismo que visa *resultados* e abre mão do sentido de pensamentos e ações (...) ligava-se ao primado do ver: de *thea* (ver) e *orein* (olhar), teoria significa ‘ter cuidado com o ver’ (...) (Matos, 2006, p.89).

Quem conheceu Samira de perto sabe o quanto o foi estudiosa incansável da filosofia, com particular interesse pela filosofia da ciência, e como procurou extrair da filosofia, com olhar apurado e cuidadoso, elaborações teóricas capazes de oferecer caminhos férteis para a análise. Rigorosa na tarefa de interpretar o espaço geográfico e os fenômenos que afligem o território brasileiro, a professora compartilha das construções conceituais e da proposta epistemológica elaboradas pelo professor Milton Santos, marcando sua trajetória acadêmica após sua defesa de doutorado (sob orientação do professor Milton) na Universidade de São Paulo (KAHIL, 1997).

Arrisco dizer que a opção pelas propostas do professor Milton Santos ocorrem pelo interesse e pelo gosto da professora Samira pela filosofia e pela elaboração teórica na ciência, ou seja, foi a procura de uma epistemologia que fornecesse um conjunto elaborado e coerente de ideias/conceitos passíveis de oferecer uma aproximação e apreensão vantajosas do real que levou Samira a optar pela proposta do professor Milton Santos. Trata-se mesmo de uma escolha, porque a opção por uma teoria e uma epistemologia é sempre a escolha de um “campo”. “Não existe verdade que não tenha saído de uma escolha de campo, pois a verdade nunca é neutra. Afirmar que a ciência é neutra é condená-la à impotência. Afirmar que a vida é neutra é condená-la ao tédio. (...) A escolha de um campo ao qual pertencer tornou-se um destino” (NEGRI, 2006, p.53-54).

Diversos temas caros ao sistema de referências proposto pelo professor Milton Santos estão presentes no texto “Usos do território: uma questão política” (2005) e em diversos outros trabalhos realizados pela professora Samira. A ideia de modernização, o fenômeno técnico, a psicosfera, as normas, entre outros, aparecem com frequência entre suas preocupações de pesquisa. A questão da modernização territorial, do uso corporativo do território e das práticas desreferenciadas da globalização perversa (SANTOS, 2000), por exemplo, marcam quase todos os seus escritos e são muito presentes em praticamente todas as pesquisas que Samira orientou na UNESP. Trabalhando indissociavelmente os pares Lugar/Mundo, Horizontalidades/Verticalidades, Tecnoesfera/Psicosfera, Samira os toma como conceitos centrais para a compreensão das dinâmicas do território no período atual.

O tema da psicosfera, em particular, foi uma das mais instigantes preocupações de pesquisa de Samira. Pesquisando nos últimos anos os usos e a instrumentalização do território pela agricultura moderna no Brasil central, lúcida e atenta Samira reconhece o papel da psicosfera nas estratégias que permitem a

manutenção da esfera técnica da produção e a sofisticada construção da “legitimidade” para um uso corporativo do território, processos perversos que afligem a sociedade e que tanto caracterizam o período atual. Tais são as preocupações de seus últimos escritos, sempre repletos de uma elaboração e de um sentido de reflexão filosóficos que tanto lhe conferiam um estilo próprio, como podemos observar no texto *“Psicoesfera – uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo”* (KAHIL, 2010).

## **VALORIZAÇÃO DA LIBERDADE DE PENSAMENTO E CONFIANÇA NO PROJETO HUMANISTA**

Com coragem, Samira sempre defendeu a liberdade das ideias, a liberdade de pensamento na Universidade, pois percebia que a responsabilidade do intelectual comprometido com a sociedade exige liberdade de pensamento e coragem para interpretar o mundo, produzir as críticas necessárias às situações vigentes e, quiçá, contribuir na elaboração de projetos políticos fortes.

Em seus escritos, há profunda crença no homem, na valorização da liberdade e da emancipação humana, marcas de um caráter profundamente humanista. A crença num futuro aberto às realizações, portador das possibilidades ainda não realizadas e onde as soluções para os problemas de alguma forma já se encontram em gestação, muito marcam o caráter otimista da maioria de seus escritos. Nas palavras de Sartre, autor que Samira tanto admirava, e para quem o homem é sempre condenado a ser livre – “as coisas serão tais como o homem tiver decidido que elas sejam” (SARTRE, 1968, p.266). Ou ainda, conforme pensou Milton Santos (2000), a despeito do que já existe, podemos alcançar o que ainda não existe. A liberdade de pensamento e a crença no futuro nos garantem a possibilidade de a todo tempo crer que o mundo possa ser outra coisa, pois o mundo tem o tamanho de nossos horizontes - assim pensava a professora Samira.

Exercer o pensamento livre. Dizer o que se pensa – quanto Samira pagou caro por exercitar corajosamente estes direitos! Ao mesmo tempo, e nunca deixando se abater, sempre acreditou na força das ideias. Samira será sempre lembrada por seus alunos como uma incansável defensora da Universidade Pública e da formação cidadã, por sua marcante militância nas aulas, nas atividades de pesquisa, na participação e organização de eventos acadêmicos. Acreditava na possibilidade de construção de uma universidade aberta e plural, onde fosse possível o debate amplo das ideias e a formação intelectual crítica tão necessária à construção do país; e tinha clara consciência de que tal exercício de forma alguma é tarefa fácil e branda – “Estudar, pesquisar, pensar não é uma tarefa fácil. É preciso reflexão, imaginação se quisermos com nosso trabalho, apresentarmos idéias com força política – se quisermos nos manter corajosamente jovens, jovens capazes de questionar, de mudar o mundo. Por isso meus caros... coragem! É preciso coragem para exercermos nossos direitos políticos, é preciso coragem para pensar, assim como é preciso ter coragem para lutar ou sofrer... porque ninguém pode pensar em nosso lugar – nem lutar ou sofrer em nosso lugar” (KAHIL, 2007).

Extremamente preocupada com a formação dos alunos, com os rumos da Universidade, sempre muito generosa com os orientandos, defensora ávida de uma ciência geográfica reflexiva, que pudesse verdadeiramente contribuir no conjunto dos saberes, Samira também era de uma humanidade e generosidade que se manifestavam prontamente nas ocasiões mais diversas e menos prováveis. Faltam-

me palavras para definir tudo o que foi, a extensão de suas idéias e de sua coragem. Podemos afirmar, como alunos e amigos, que conviver com a professora Samira nas aulas, na pesquisa, no trabalho cotidiano da academia, nos tornou muito mais humanos - sua postura crítica sempre foi, ao mesmo tempo, acompanhada de um profundo humanismo e de um otimismo ímpar - acreditava no futuro. Foi uma destas poucas pessoas que transformam profundamente a existência de seus próximos. À professora Samira, nossa profunda gratidão e eternas lembranças.

## REFERÊNCIAS

FUENTES, Carlos. *Este é meu credo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

KAHIL, Samira Peduti. *Unidade e diversidade do mundo contemporâneo*. Holambra: a existência do mundo no lugar. Tese (doutorado em Geografia Humana). FFLCH-USP, 1997.

\_\_\_\_\_. Psicoesfera: a modernidade perversa. *Revista do Departamento de Geografia*. USP, São Paulo, n.11, p.217-220, 1997.

\_\_\_\_\_. O lugar no mundo: itinerário para uma geografia da existência. *Experimental*. São Paulo, n.4/5, p.45-56, 1996.

\_\_\_\_\_. Usos do território: uma questão política. X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. *Anais...* São Paulo, 2005, p.7193-7204.

\_\_\_\_\_. “*Liberdade e democracia na Universidade*”. Aula Aberta a convite da Comissão de Organização do Movimento Estudantil, Unesp-Rio Claro. 23 de maio de 2007 (mimeo).

\_\_\_\_\_. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. *Sociedade & Natureza*. Uberlândia, vol.22, n.3, p.475-485, 2010.

MATOS, Olgária. *Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

NEGRI, Antonio. *De volta: abecedário biopolítico*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Lugares dos saberes: diálogos abertos. In: BRANDÃO, Maria Auxiliadora (org.). *Milton Santos e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p.39-49.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n.54, p.81-100, 1977.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1968.

\_\_\_\_\_. *Questão de Método*. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1979.